

O CAMPO SOCIAL E A EDUCAÇÃO, UM ESTUDO BIBLIOGRÁFICO DA OBRA A REPRODUÇÃO: ELEMENTOS PARA A TEORIA DO ENSINO DE PIERRE BOURDIEU E JEAN-CLAUDE PASSERON

Wellington Lucas dos Santos (PIC/UEM), Walter Lúcio de Alencar Praxedes (Orientador), e-mail: walterpraxedes@uol.com.br.

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes/Maringá, PR.

Outras Sociologias Específicas

Palavras-chave: campo, reprodução, desigualdade.

Resumo:

Neste projeto de iniciação científica procuramos elencar os pontos que consideramos mais relevantes a partir da análise dos elementos metodológicos e dos conceitos elaborados por Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron em sua obra conjunta intitulada *A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Nossa exploração parte do pressuposto proposto pelos autores de que a escola e a institucionalização do ensino estão relacionados com a estruturação do poder simbólico presente em todas as esferas da sociedade. Para tanto, através desta pesquisa bibliográfica de caráter teórico, realizaremos uma análise interpretativa da teoria da reprodução das desigualdades sociais através dos sistemas educacionais apresentada na obra em questão, com o objetivo de sistematizar um referencial teórico para futuras pesquisas no campo da sociologia da educação, a intenção é elucidar os termos mais importantes para a compreensão da teoria sociológica de Bourdieu, através de conceitos como *habitus*, campo, capital cultural, herança cultural e suas relações com o processo de dominação e a constituição da violência simbólica.

Introdução

Ao realizar uma investigação teórica sobre os trabalhos a cerca do campo social e a educação, vemos que até o século XX há na Sociologia e seus estudos ligados as instituições escolares, vigora um olhar positivo sobre a escola como agente de igualdade, criando condições de paridade entre os indivíduos e possibilitando autonomia econômica e democrática da sociedade, através da justa competição no sistema de ensino visto como neutra.

No final dos anos 60, vemos alterações no ideário da escola enquanto niveladora e a resignificação da função escolar na sociedade, o otimismo é contestado frente a dados de pesquisas realizadas nos E.U.A. e Europa, dentre

estes o trabalho de Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron, que denunciam o peso da origem social sobre a vida escolar.

Onde se via igualdade de oportunidades, meritocracia, justiça social, Bourdieu passa a ver reprodução e legitimação das desigualdades sociais. A educação, na teoria de Bourdieu, perde o papel que lhe fora atribuído de instância transformadora e democratizadora das sociedades e passa a ser vista como uma das principais instituições por meio da qual se mantêm e se legitimam os privilégios sociais. (NOGUEIRA & NOGUEIRA, 2002, p. 17)

Olhando para a educação e seu papel nas forças constitutivas da sociedade, Bourdieu lança a hipótese de que a organização sistemática escolar se relaciona com os campos culturais, legitimando as desigualdades produzidas no interior da disputa de classes. Uma das ideias centrais de sua obra é que os alunos não são seres abstratos, competindo em relações iguais, mas atores socialmente construídos que trazem uma herança cultural mais ou menos valorizada no mercado escolar.

Outra crítica se deposita justamente na neutralidade da escola e a seleção dos mais aptos, para o estudioso, a instituição reconhece e reproduz apenas os conjuntos simbólicos da cultura dominante, que são tidos como cultura universal, cumprindo através da escolha do currículo e da estrutura escolar, um papel legitimador e reproduzidor das desigualdades e da violência simbólica. Esse acúmulo de práticas adquiridas empiricamente é assimilada no seio familiar no processo inicial de socialização, conjunto este que coloca em posições desiguais diferentes atores que dominam mais ou menos os mecanismos reconhecidos pela tradição escolar.

Dessa forma há a hipótese de que a organização sistemática da escola se relaciona com a cultura do aluno, mantendo e produzindo as desigualdades, legitimando-as e criando um falso ente individual, capaz de alcançar mobilidade dentro da disputa social por meio de um dom ou de mérito. A herança cultural trazida pelo aluno é rapidamente dissimulada pelo esforço ou por uma capacidade natural, o que legitima o fracasso dos menos familiarizados com o saber classista e distribui as posições no campo da carreira escolar.

É provavelmente por um efeito de inércia cultural que continuamos tomando o sistema escolar como um fator de mobilidade social, segundo a ideologia da “escola libertadora”, quando, ao contrário, tudo tende a mostrar que ele é um dos fatores mais eficazes de conservação social, pois fornece a aparência de legitimidade às desigualdades sociais, e sanciona a herança cultural e o dom social tratado como dom natural. (BOURDIEU, 1998, p. 41).

Em A Reprodução, o conceito de violência simbólica se torna central pois, a intenção do trabalho é denunciar como a atividade pedagógica, inocente e bem intencionada, praticada na instituição escolar exerce a imposição dos conjuntos culturais dominantes, contribuindo para a transmissão e manutenção de poder e privilégios. O corpo da obra constrói uma teia de ações da violência simbólica na escola, ilustrando o aspecto arbitrário da imposição dessa violência que é monopolizada pela disposição do sistema escolar, expandindo a compreensão das relações entre alunos e professores e do sistema de gratificações perante o sucesso acadêmico na sociedade para além da meritocracia individual.

Revisão de literatura

O foco da investigação de nossa pesquisa consistiu, por meio de leitura e ficleamento, a análise bibliográfica detalhada da obra *A Reprodução* de Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron, bom como escritos que apontassem releituras do livro francês, compreendendo a relação do campo social com a organização da estrutura educacional.

Através dos conceitos elaborados no trabalho de Bourdieu e Passeron como *Habitus*, campo social, capital e herança cultural podemos reunir tais categorias como ferramentas metodológicas para manipular tais definições de modo sólido, construindo um referencial que nos possibilite ver a realidade educacional como objeto de estudo social e problemática sociológica.

O empreendimento realizado por meio da obra dos autores franceses, possibilitou problematizar o modo de educação proposto nas sociedades capitalistas e como este é capaz de reproduzir a conservação social e, em certa medida, possibilitar caminhos para uma nova orientação de poder entre os indivíduos posicionados nas diferentes classes e arranjos sociais.

Resultados e Discussão

Na matriz bourdiesiana da construção do sujeito, cada ator passa por um processo de socialização que se inicia no seio familiar, ao longo desse caminho, o agente é moldado como ser social de acordo com suas relações de aprendizagem e afetividade com a sociabilidade que é aos poucos inserida. Como parte da formação humana, observamos e reproduzimos comportamentos de nossos pares em busca de aceitação, o que é caracterizado por Bourdieu de “luta simbólica pelo reconhecimento”.

Os processos educativos iniciados no interior das famílias ou dos convívios sociais primários condicionam a busca do reconhecimento e legitimidade do indivíduo enquanto ser social, tal processo de formação de indivíduos para a vida social fora do ninho é definida como a construção do *habitus*.

Esse é um termo latino cunhado como síntese do conjunto de influencias que sofrem cada um de nós, criando um molde social, por meio da aprendizagem de costumes, línguas, crenças religiosas, valores morais, que servem como trampolim para nossas ideias, atitudes e valores frente ao campo social.

A realidade das condições dos atores sociais na modernidade tem sido cada vez mais diferenciada, e o *habitus* é um importante ponto de partida pois, permite compreender os processos individuais em seus atritos com o espaço comum. Essas diferenças criam locais que agregam agentes com posturas e valores semelhantes, que se reúnem para disputar poder e influência dentro do campo social.

Os grupos constituídos no interior da sociabilidade são chamados por Bourdieu de Campos, o *habitus* orienta as ações no interior desses campos, que são cada vez mais especializadas de modo a diferenciar tais associações humanas. Os campos são meios onde se encontram forças em disputa, dotados de entes em diferentes posições, que usam suas próprias estratégias para dominar o espaço, acumular reconhecimento ou ganhos específicos.

O acúmulo de valores e saberes culturais pelas famílias, que é transmitido aos seus filhos em suas relações domésticas é para o autor o capital cultural, a propagação segue o nível da escolaridade, dos mais velhos como pais e avós. A primeira influência desse elemento na vida educacional do estudante é a relação entre o nível de cultura global de sua família e seu sucesso escolar, desse modo, a educação assume uma ação cultural.

Conclusões

Podemos considerar que há várias forças influenciando sobre o futuro educacional, as crianças e suas famílias se orientam de acordo com estes fenômenos, até mesmo quando suas escolhas parecem ser ligadas ao gosto ou a vocação. As estruturas de possibilidades de ascensão, as oportunidades oferecidas pela escola, somado ao sentido de esperança e apelos do grupo são as orientações que conduzem as escolhas.

Refletindo sobre a constituição institucional da educação e seus vários organismos, Bourdieu faz uma válida ressalva em relação ao papel da escola na redução das desigualdades, apontando duras críticas a neutralidade do ensino em relação ao contexto social do aluno. Para o estudioso, o sistema favorece os mais dotados de capital cultural e desfavorece os mais pobres, à medida que faz vista grossa às desigualdades entre os pares, de modo que as diferenças culturais diante do *ethos* cultural sejam validadas e não liquidadas.

O aluno se posiciona no campo educacional como um espelho de sua herança cultural, que determina seu sucesso e permanência na escola, por meio da assimilação e reflexo dos bens legitimados; o mestre que o ensina está dotado de um saber geral e harmonioso, munido da autoridade em si personificada pela institucionalização atua como um juiz que sentencia as trajetórias por meio do “dom” e do “mérito”. Maior que qualquer força de coerção, as relações obscuras do campo escolar estabelecem sua censura pelo perene desconhecimento de sua verdade objetiva, fazendo com que os indivíduos internalizem e reproduzam seus preceitos como dogmas, que são pregados em uma comunicação a serviço do fazer pedagógico, iniciando com a sociabilidade e desembarcando nas vias institucionais com o dever de render ganhos materiais e simbólicos, colaborando com o ciclo invisível da educação de violência simbólica.

Referências

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Tradução de Reinaldo Bairão. Rio de Janeiro. Livraria Francisco Alves Editora S.A. 3º ed. 1992. (Série educação em questão / coordenação de Pedro Benjamin Garcia e Zaia Brandão.

NOGUEIRA, Cláudio M. Martins; NOGUEIRA, Maria Alice. **A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições**. Educação & Sociedade, Campinas, n. 78, p. 15-36, abr. 2002